

A Cidade de Ytú

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X
REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 28 de Fevereiro de 1904

GERENTE
João Pery de Sampaio
N. 747

EXPEDIENTE

—«()«O»()»—

“A CIDADE DE YTU”

ESCRITORIO E OFFICINAS
56-RUA DA PALMA-56

ASSIGNATURAS

Cidade, anno..... 15\$000
» semestre..... 8\$000
Fora, anno..... 18\$600
» semestre..... 10\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso..... \$200
Numero strazado..... \$300

PUBLICAÇÕES

Secção Livre, linha..... \$2.0
Folhas, linha..... \$300
Publicação em 1ª pagina.... \$400
Anuncios pelo que se convencionar.

—*—

Todas as publicações serão pagas adiantadamente, bem assim como as assignaturas devendo os interessados dirigir-se directamente ao gerente desta folha, João Pery de Sampaio.

GENERAL GLYCERIO

O nosso presado collega «Diario Popular», de sabbado, 20 do corrente, presta justa homenagem aos homens mais proeminentes, que desempenharam papel saliente na solução da pendencia existente entre o nosso paiz e a Bolivia, e assim estampa os retratos dos senhores Dr. Rodrigues Alves, presidente da Republica; general José Manoel Pando, presidente da Bolivia; Claudio Pinilla, ministro dos negocios do exterior, da Bolivia, Barão de Rio Branco, nosso ministro das relações exteriores; Dr. Fernando Guachalla, enviado extraordinario da Bolivia no Brazil; Gastão da Cunha, deputado federal, pelo Estado de Minas; J. C. Guilhobel, official da marinha brasileira; Dr. Assis Brazil, um dos principaes cooperadores do tratado e General Glycerio, senador federal por este Estado; vindo todos esses retratos acompanhados dos conceitos mais elevados, as pessoas dos illustres estadistas.

Tratando do nosso presado chefe e amigo general Glycerio, assim se exprime o «Diario Popular»:

«Coube no senado ao illustre parlamentar e antigo republicano a missão de relatar e defender o tratado de Petropolis, missão que o honrado senador paulista levou a cabo com uma elevação de vistas e uma superioridade de interpretação taes, que bem testemunham mais uma vez o seu merito e capacidade.

O general Francisco Glycerio afastou-se da questão de detalhes, não abordou a discussão para o lado tecnico; toda a sua argumentação girou em volta da utilidade do tratado e do alcance deste para as nossas relações com a Bolivia e para o equilibrio da politica sul americana.

Assim, o parecer de sua lavra e os seus discursos podem definir-se perfeitamente como uma face nova, dada a questão, encarando-a, sem duvida, pelo seu lado principal.

Parlamentar para quem a tribuna não tem segredos, affeito ás grandes pugnas

da palavra, conhecendo o seu meio politico e dispoendo de uma grande clareza de espirito — ao general Francisco Glycerio a missão tornava-se-lhe ainda assim pesada, por haver a avolumada a attenção que a sua acceitação desse encargo despertára como força que se buscou para oppôr a outras forças contrarias.

Tradição velha, a sua galhardia uma vez mais se testemunhou nesse desempenho em que a sua palavra foi a ultima a ser pronunciada sobre o tratado.»

Uma lagrima e um consolo

Nascer soffrendo, viver soffendo e morrer soffrendo é o destino fatal da humanidade

Uma fiôr candida e pura desabrocha risonha e perfumosa em verdejante e miromoso jardim, e depois de alegrar com as bellezas que a natureza a dotou, a sua seiva enfraquece-se e a mesma natureza lhe tira a vida!

No berço, por entre os vagidos de uma creança que nasce, tudo é festa para os seus progenitores!

Na vida, o contentamento e o interesse do bem estar daquelles que nos são caros é o pharol que todos desejam alcançar e conquistar!

Na morte tudo se confunde em tristeza, em prantos.

Sim, respeitaveis leitores, tudo isto é a verdade pura e incontestavel.

E quereis a prova mais cabal do que vos digo?

Ahi a tendes.

Nesta sempre bôa e pujante villa, vio a aurora da sua florida vida a graciosa e robusta menina Anna de Faria.

Cresceu ella sempre activa e bem prendada pela educação paterna, até que aos quatorze annos entregou o coração ao seu predilecto, o sr. Antonio Fernandes da Silva, e com elle consorciou-se.

A vida desse casal foi intima, amorosa e feliz.

Da união matrimonial de ambos Deus deu-lhes oito filhos, legitimos representantes da honradez de seus pais.

Antonio e Anna jamais se esqueceram que do trabalho dependia a felicidade de toda a sua próde.

Trabalhavam e tanto trabalhavam que conseguiram em sua casa o começo de uma solida educação e instrução para os seus queridos filhos.

Elle sempre forte e animoso, e ella nunca se descurando dos sagrados deveres de mãe desejavam que o dia da felicidade completa da sua familia fosse o complemento da sua felicidade.

Esperavam, mais tarde, sorrir contentes entre os affagos e caricias dos seus idolatrados filhos,

Mas, oh! fatalidade inclemente.

A exma. Sra. d. Anna Faria da Silva, no verdor dos seus vinte e sete annos de idade, pela uma hora da madrugada, do dia 22 de Fevereiro de 1904, entregou ao Creador, a sua candida e abençoada alma!

Uma enfermidade, para a qual a sciencia foi impotente, levou para a mansão dos justos a sempre saudosa e chorada exma. sra. d. Anna Faria da Silva.

Assim como devemos depositar sobre a sua sepultura nma lagrima de tristeza pelo seu passamento, assim tambem enviamos ao seu caro esposo um consolo, que é o

seguinte:—Tivestes na terra uma santa esposa; tereis no céo uma santa defensora.

Salto, 23 de Fevereiro de 1904.

PEDRO AUGUSTO KIEHL.

Emboscada (?!...)

Escrevem-nos:

«Aquella gente lá de baixo, sae lá uma vez ou outra com cada coisa, que embora os outros estejam com o organismo na melhor disposição, e funcionando regularmente, conseguem digerir-a.

Ahi temos um exemplo no caso do carnaval, contado por elles, n'aquelle artigalhão de milhentas columnas.

O Saldanha, esse verme da reputação alheia, depois de reagir com as armas de S. Francisco, veio contando o que não vio, intercalando com tanta phantasia, como os romances do Ponson, os successos do dia dezeseis.

Então o homem é doente para dourar as pilulas a ver se os incautos engolem; porem, o povo ytuno de ha muito conhece a força d'elle, que já não lhe acredita mais coisa nenhuma.

Aquella descripção dos festejos carnavalescos, está n'esse caso.

Emboscada, garruchas, revolvers, limpeza de carabinas, capangas, *becco da trahição*, e coisitas más; está mesmo que é uma vergonheira, e o homem só de *maulasa*, pintou aquillo de modo a encontrar credulos; mas, foi caipora ainda uma vez, porque felizmente Ytu inteiro testemunhou tudo; inclusive o ataque de coragem do meu homem, que botou-se a sete pannos pela rua do Commercio abaixo, sem nem mesmo olhar para traz.

Então é de coragem inteira o sujeito.

Só porque vio que a historia não estava muito boa, disse lá comsigo, como os garotos: *vá c'otro* e pernas para que te quero? Emquanto eu corro, mano Chico dos cavallos tem irmão; e lá se foi metter-se em casa, como coisa que alguém aqui está resolvido a esfregar os costados ou a cara siphilítica de tão nauseabundo senhor.

Isso são honras que você não merece, meu coisa; e ninguem vae se sujar em te metter as mãos ou mesmo o chicote.

O outro, que de medo de commetter um excesso rabioso, não disse palavra, e somente contentou em ficar tão covardemente pallido, que ninguem podia distinguir se aquillo era mesmo a *lata* d'elle, ou então si mandára fazer uma mascara da mesma flanela de que estava garbosamente vestido; esse contenta-se agora a fugir com o corpo, dizendo que nada tem que ver com o filho de Matheus; e que etc. e tal, que o embalance.

Emboscada? Isso houve, pois não. A população ytuna reuniu-se toda, homens, mulheres e creanças, congregaram se n'uma emboscada, para receber condignamente os foliões carnavalescos, coroando seus esforços, applaudindo-os, dando-lhes todas as provas de sympathias, porque os *Repentinos* não eram um grupo politico; eram os filhos de Momo, que rendiam-lhe justa homenagem, no ultimo dia a elle consagrado; não sabia porem grande parte da população ytuna, que aquelle grupo aciosamente esperado, era portador da mais acintosa desobediencia á autoridade policia.

E, uma vez que d'isto teve conhecimento, soffreu o entusiasmo, para prestigiar

a autoridade, o que fez muito bem, em chamar os desobedientes a comprehensão dos seus deveres.

Queriam garantias da policia? Cumprissem a risca as suas determinações, que nada lhes succederia.

Garruchas? Si as seringas de folha, de que estavam armados os endemoninhados apreciadores do entrado, são consideradas garruchas, então havia centenares d'ellas.

Revolvers? Meu Deus! Houve um mundão d'elles, quasi toda a gente armou-se, porem em lugar de expelirem chumbo, expiliam agua perfumada.

Achamos bom que o digno delegado de policia, não permitta mais os taes revolvers de borracha, porque os homens já estão assustados a tal ponto, que até espirro de velha, já se lhes parece tiro de carabina.

Oh! medo! O teu reino é infinito!

Limpaça de carabinas? Foram mesmo limpas mil novecentos e noventa e... UMA espingardinha «Flobert», de caçar sabiá em baixo da larangeira.

Oh! medo! Diabo, isto eu já disse!

Capangas? Jesus! Que mundão d'elles não havia.

Vamos fallar ao Ferrinho, para que mude o nome, porque esse representa, se bem que no diminutivo o d'aquelle *Ferro* das vespas do pleito de 16 de Dezembro, que tirou a maminha da bocca d'aquella bezerrada que vive hoje balando por esses campos aridos, vendo sempre por um oculo tanta phantasmagoria de governancia.

Por fallar em capanga: para onde foi o Chico de Oliveira, vulgo *Conde de Pius*? Ninguem mais dá noticia d'elle?

Está substituido pelo *Zé de fraque*? Pois olhem, o *Zé*... não sei se me entendem?

Finalmente, meus senhores lá de baixo, vocês que a estas horas poderiam estar dormindo sob os louros colhidos na terça-feira gorda, estão jururís, como cachorrinho de gente pobre, quando vê alguém que se aproxima da casa:—*fome!.. fome!.. fome!.. fome!*

A culpa de quem foi?

Minha eu garanto que não; queixem por isso de si proprios. Quizeram deitar-se a grandes; a policia não deixou, e estava no seu direito.

Não é pelo motivo de vir o principesinho desthronado na frente do grupo, que a coisa passaria como vocês queriam.

Tudo sem os seus *quês* e os seus *mas*; sem estes nem aquelles, nada se faz; isto eu quero que concordem com o vosso amigo

TONICO.

P. S.—Onde foi o Saldanha? a Descalvado?

Por isso é que vimos aquelles eugrossamentos ao Valentim. O moleque já tratou de preparar terreno.

Tenha porem cuidado, meu negro, olhe que: *rei morto, rei posto.*

O MESMO.

Quem tem bocca.

Minervino ouviu um toque de campainha, levantou-se do canapé, atirou para o lado o livro que estava lendo, e foi abrir a porta ao seu amigo Salema.

—Entra! Estava ansioso!

— Vim, mal recebi o teu bilhete. Que desejas de mim?

— Um grande serviço!

— Oh, diabo! trata-se de algum duello!

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
—Cabeça branca—sentado pensativo
Dum carvalho ao pé;
Esmolava na pedra dum camiuho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
—Ao lado o seu bordão;
E o sol no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'roa
De pobre e de ancião!

E o homem de metal vinha sorrindo
Coutando aos companheiros os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrbada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
—Uma esmola, por Deus.

O homem de metal embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra,
Sem responder passou!
O pobre recolheu a mão vazia...
O aujo tutelar velou seu rosto,
Mas—Satanaz folgou!

CASIMIRO DE ABREU.

elle debalde procurou tornar a vela nos
boudes, na rua do Ouvidor, nos theatros,
nos bailes, nos passeios, nas festas! De-
balde!

—Oh! disse a viuva, estendendo-lhe a
mão naturalmente, como se o fizesse a um
velho amigo; era o senhor?

—Lembra-se de mim? balbuciou Sale-
ma.

—Ora essa! que mulher poderia esque-
cer-se de um homem a quem sorriu? Quando
naquelle dia nos encontramos num
bonde das Laranjeiras, já eu o conhecia.
Tuas o visto uma noite no theatro, e não
sei porque, por sympathia, creio, perguntei
quem era o senhor, não me lembro a
quem... lembra-me que o puzeram nas nu-
vens. Porque nunca mais tornei a vel-o?

Diante do desembarço da viuva Per-
kins, Salema sentiu-se ainda mais tímido
que Minervino; entretanto, cobrou animo,
e respondeu:

—Não foi porque não a procurasse por
toda a parte...

—Não sabia onde eu morava?

—Não; supuz que morasse nas Laran-
jeiras. Via entrar naquelle sobrado... e de-
balde passei por lá um milhão de vezes,
na esperança de tornar a vel-a.

—Era impossível; aquella é a casa de
minha irmã; só se abre quando ella vem
da fazenda. O sobrado está fechado ha oito
mezes. Mas sente-se... aqui... mais perto de
mim... Sente-se, e diga o motivo de sua
visita, que julgo adivinhar...

De repente, e só então, Salema lembrou-
se de Minervino.

—O motivo de minha visita é muito de-
licado; eu...

—Fale! Diga sem reboço o que deseja
seja franco? imite-me!... Não vê como sou
desembarçada? Fui educada por meu
marido...

E apontou para o retrato.

—Era americano; educou-me á america-
na. Não ha, creia, não ha educação como
esta para salvaguardar uma senhora. Va-
mos! falle!...

—Minha senhora: eu sou...

Ella interrompeu:

—E' o sr. Nuno Salema, orphão, soltei-
ro, funcionario publico, litterato nas ho-
ras vagas, que vem pedir a minha mão em
casamento.

Elle estendeu lhe a mão que ella apertou.
E' sua! Sou a viuva Perkins, como a
mais honesta, senhora das suas acções, e
quasi rica. Não tenho filhos, nem outros
parentes, a não ser um irmão, educado na
America por meu marido, e uma irmã fa-
zendeira, tambem viuva. Não percamos
tempo!

Salema quiz dizer alguma coisa: ella
não o deixou fallar.

—Amanhã parto para a fazenda de mi-
nha irmã. Venha connigo, a americana,
para lhe ser apresentado.

Nisto entrou na sala, vindo da rua,
apressado, o irmão da viuva Perkins, moço
de vinte annos, muito correcto, muito bem
trajado.

—Mano, apresento-lhe o sr. Nuno Sale-
ma, meu noivo.

O rapaz inclinou-se, apertou fortemente
a mão do cunhado, e disse:

—All right!...

Nisto inclinou-se de novo e sabiu da
sala, sempre apressado.

—Mas, minha senhora, tartamudeou o
noivo, muito confundido, imagine, o meu
collega Minervino Soares, que mora alli
defronte...

A viuva aproximou-se da janella. Mi-
nervino estava na delle, e, assim que a

—Trata-se simplesmente de amor. Senta-
te.
Sentaram-se ambos.

Eram dois rapagões de vinte e cinco
annos, officiaes da mesma secretaria de
Estado; dois collegas, dois companheiros,
dois amigos, entre os quaes nunca houve-
ra a menor divergencia de opiniões. Esti-
mavam-se muito, estimavam-se devéras.

—Mandei-te chamar, continuou Minervi-
no, porque aqui podemos falar mais á
vontade; na tua casa seriamos interrom-
pidos por teus sobrinhos. Ter-me-ia guar-
dado para amanhã, na secretaria, se não
se tratasse de uma coisa inadiavel. Ha de
ser hoje por força!

—Estou ás tuas ordens.

—Bom. Lembra-te de um dia ter te
fallado de uma viuva bonita, minha visi-
nha, por quem andava meio apaixonado?

—Sim, lembra-me... um namoro...

—Namoro que se converteu em amor,
amor que se transformou em paixão!

—Que! tu estás apaixonado?

—Apaixonadissimo... e é preciso acabar
com isso!

—De que modo?

—Casando-me; e tu é que has de pe-
dirla!

—Eu?!

—Sim, meu amigo. Bem sabes como sou
tímido... Apenas me atrevo a fixar a du-
rante alguns instantes, quando chego á
janella, ou a complimental-a, quando entro
ou saio. Se eu mesmo fosse falar-lhe seria
capaz de não articular uma palavra! Lem-
bras-te daquella occasião em que fui pedir
ao ministro que me nomeasse para a vaga
de Florencio? Puz-me a tremer diante
delle, e a muito custo conseguí dizer o
que desejava. E quando o ministro me
disse:—Vá descansado, hei de fazer justi-
ça—eu respondi-lhe:—Se me nomear, vos-
sa excellencia não chove no molhado!—
Ora, se eu sou assim com os ministros,
que fará com as viuvas!

—Mas tu a conheces?

—Estou perfeitamente informado: é uma
senhora digna e respeitavel, viuva do sr.
Perkins, negociante americano. Mora alli
defronte, no numero 37. Pego-te que a
procures immediatamente e lhe faças o
pedido de minha parte. E's tão desemba-
raçado como eu sou tímido; estou certo
de que serás bem succedido. Dize-lhe de
mim o melhor que poderes; advoga a
minha causa com a tua eloquencia habi-
tual, e a gratidão do teu amigo será eter-
nal!

—Mas que diabo! observou Salema,—
isto não é sangria desatada! Por que ha
de ser hoje e não outro dia? Não vim
preparado!

—Não pôde deixar de ser hoje. A viuva
Perkins vae amanhã para a fazenda da
irmã, perto de Vassouras, e não quero
que ella parta sem deixar lavrada a minha
sentença!

—Mas, se lhe não falas, como sabes que
ella vae partir?

—Como todos os namorados, tenho a
minha policia secreta... Mas vae, vae, não
te demores; ella está em casa, e sózinha;
mora com um irmão empregado no com-
mercio, mas o irmão sahio... Deve estar
tambem em casa a dama de companhia,
uma americana velha, que naturalmente
não apparecerá na sala nem estorvará o
colloquio.

E Minervino empurrava Salema para a
porta, repetindo sempre:—Vae! vae! não
te demores!...

Salema, que era um rapaz decidido
atravessou a rua e entrou em casa da viu-
va Perkins.

No corredor poz-se a pensar na exqui-
situde da embaixada que o amigo lhe con-
fára.

—Que diabo! reflectiu elle; não sei quem
é esta senhora: vou falar-lhe pela primeira
vez... Não seria mais natural que o Minervino
procurasse alguém que a conhecesse
e o apresentasse?... Mas ora, adens!... elles
namoram-se; e de esperar que o embaixa-
dor seja recebido de braços abertos.

Momentos depois, Salema achava-se na
sala da viuva Perkins, uma sala mobiliada
sem luxo, mas com certo gosto, cheia de
quadros e outros objectos de arte. Na pa-
rede, por cima do divan de reps, o retrato
de um homem novo ainda, muito louro,
barbado, de olhos azues, languidos e tris-
tes. Provavelmente o americano defunto.

Salema esperou cinco minutos.

Quando a viuva Perkins entrou na sala,
elle agarrou-se a um movel para não ca-
hir: paralisaram-se-lhe os movimentos, e
não pôde reter uma exclamação de sor-
presa.

Era ella! ella!... a mysteriosa mulher
que encontrára havia mezes, num bonde
das Laranjeiras, e meigamente lhe sorria,
e o impressionára tanto, e desapparecera,
deixando-lhe no coração um sentimento
indivisivel que nunca soubera classificar di-
reito.

Durante dias e noites, a imagem daquel-
la mulher perseguiu-o obstinadamente, e

Constantino da Silva Castro, Dr. José
Ignacio da Fonseca, Dr. Graciano de Sou-
za Geribello e Dr. Francisco Antonio
Nardy... já é caipora, ahí veio o numero
fatidico, quatro medicos que realmente o
são; partido *maragato*; lá vem conduzindo
o seu numero um, o Dr. José Brenha Ri-
beiro.

Já que fallamos em medicos, entremos
agora pelas drogarias a dentro, e auscul-
temos os vidros de panacé para que nos
contem pelas suas pulsações quaes os
manes que sabem mexer com isso: partido
republicano, pharmaceuticos capitães An-
tonio de Freitas Pinho, Irineu Augusto
de Souza, Hermano Engler e Antonio de
Souza Ferraz; partido *maragato*: lá vem
o numero cabuloso, não se multiplica nem
a pão, esguincha, berra, sapateia, ameaça,
descompõe, calumnia, insulta, mas esse
numero faz lembrar o motte de Bocage:

*N'estes campos solitarios
Onde a desgraça me têm,
Chamo ninguem me responde
Olho não vejo ninguem.*

pois parece coisa feita, mas, é a pura
verdade, com um oculo de bom alcance,
divisamos nos exercitos dos quinhentos
adversarios, um pharmaceutico, o senhor
José Maria Alves.

Passemos agora as mathematicas; partido
republicano: Drs. Francisco de Mesquita
Barros e Octaviano Pereira, engenheiros
civis, e engenheiro agronomo José Maria
de Paula.

Instrução publica e particular, o melhor
é não bulir n'isso; que são capazes de
dizer que a concurrencia é tão grande,
que pôde algum outro moleque vir com
maior desafinação insultar tão nobre classe
e tão bem representada entre nós, empen-
hando a elles a possibilidade de encami-
nhar os seus alumnos na educação parti-
daria e mesquinha, que tanto tem infelici-
tado esta cidade, onde os mais vites in-
teresses da sociedade são tratados em estylo
unico e reprovado, por todos aquelles que
pretendem ser os moralisadores da sociedaa
de ytuana.

A degradingolade e o esphacelamento é que
podem crear a esses senhores, um altar
na sociedade ytuana; mas esquecem-se, e
não comprehendem, que a sociedade ytu-
na jamais consentirá em tal solução, por-
que a sua educação e o seu civismo, é o
escudo que saberá apagar os golpes de tão
nefando intento.

Todas as sociedades, modeladas ou não
pelos principios da democracia e da moral
christã, diz-nos a historia, tem tido as suas
crises, e estas são fataes e immutaveis,
attento as condições humanas, onde os
vicios arrastão o homem, para a degrada-
ção dos costumes, e, n'um momento dado,
tal esse homem e tal o meio em que con-
vive, que elle não consegue abater a
virtude, mas consegue convulsionar, e por
momentos vender á verdade, que sahirá
sempre triumphante, e a sociedade que na
ordem do progresso, que por sua vez tam-
bem é fatal e immutavel, volta á sua nor-
malidade, expelindo de seu seio os elemen-
tos que por momentos paralisou a sua
marcha regular.

Ytú atravessa esse periodo, mas, a rei-
vindicação dos seus fóros de nobreza e ci-
vismo, está muito proximo.

ASTOLPHO

Noticiario

SEMANA SANTA

O nosso presado amigo e mestre
maestro Tristão Mariano, encarregado
pelo Revdmo. vigario da parochia, da
musica para os actos internos da Semana
Santa, já iniciou na quarta feira ultima
os ensaios das vozes, devendo por estes
dias iniciar-se os ensaios da orchestra
toda.

COLLEGIO DE S. LUIZ

Desde quinta-feira ultima, que tem
chegado a esta cidade grande numero de
alunos d'este estabelecimento.

HOSPEDES

Com o fim de internar o seu filho
José, no Collegio de S. Luiz, cujas aulas
vae frequentar, chegou na quinta-
feira ultima, a esta cidade, o senhor
capitão Procopio Siqueira, honrado vice-
presidente da Camara de Caçapava e
abastado industrial n'aquella localidade,
que veio acompanhado de sua filha, a
senhorita Maria do Carmo Siqueira.

Comprimetamol os

VERGILIO CEZARINI

Apresentado pelo professor Blackmani,
deu nos ha dias o prazer de sua visita,
o senhor Vergilio Cezarini, nosso presado
collega do *Fanfullu*, que aqui esteve
em propaganda do mesmo jornal

Gratos pela deferencia.

ANJINHO

O senhor Alfredo Teixeira, e sua Exma. Senhora, acabam de passar pelo doloroso golpe, de ver arrebatada de seus braços de paes carinhosos, a sua galante filha Maria Bernadette de 40 mezes de idade.

As expressões de pesar que devem ter recebido, pedimos venia para juntar as nossas.

NOVO AÇOGUE

Participa nos o nosso amigo José Bueno, que para maior commodidade dos seus freguezes, acaba de abrir a rua de S. Rita quasi em frente o estabelecimento commercial do senhor Jacob Bresciani e um pouco abaixo da officina de selheiro do senhor Napoleão Michel, um novo açogue, de carne de vacca, filial ao que já possui a rua da Palma; e que os seus freguezes, encontrarão sempre carne de superior qualipade.

MANOEL FREIRE DE MARINS

Após longa e penosa enfermidade, finou-se na madrugada de quarta feira ultima, o nosso presado amigo senhor Manoel Freire de Marins, negociante aqui estabelecido, e cidadão muitissimo estimado.

Ao seu sahimento, que realison-se na tarde d'esse mesmo dia, compareceu grande numero de amigos seus, que foram prestar-lhe a derradeira homenagem.

A seus irmãos, e demais parentes, apresentamos as nossas condolencias.

FESTA DE S. JOÃO DE DEUS

Participou nos o nosso amigo Adriano Das do Nascimento, que, a exemplo dos annos anteriores, está promovendo os meios para levar a effeito a festa de S. João de Deus, orago da S. Casa da Misericordia d'esta cidade.

Não está ainda definitivamente certo, si a festa será celebrada mesmo no dia con-agrado áquelle santo, 8 de Março, ou então no dia 13 do mesmo mez, por ser este dia domingo.

O programma publicaremos no proximo numero.

CHAVES

Acha-se n'esto escriptorio uma argola com algumas chaves, sendo tres d'ellas de fechadura de trinco, encontradas na rua, por uma pessoa que nos veio trazer para que entregassemos a quem pertence.

Quem se julgar seu dono, pode procural-as n'este escriptorio.

MATRIZ

Já se acham bastante adiantados, os trabalhos do augmento do côro da igreja Matriz, do concerto do organ e bem assim dos reparos da sacristia.

CAP. JUVENAL DO AMARAL

Este nosso illustre confrade, que com raro talento dirigio por longo tempo *O Jornal de Piracicaba* acaba de retirar-se da direcção d'esse jornal, que passou a ser dirigido pelo senhor Alvaro de Carvalho.

ALMANACCO DEL FANFULLA

Por intermedio do nosso presado amigo professor Demetrio Blackmani, recebemos um exemplar do *Almanacco del Fanfulla*, para o corrente anno, editado pelo sympathico confrade Victaliano Rotellini, director d'aquelle organ italiano.

O exemplar que temos em mãos, é em nada inferior aos dos annos anteriores, não só pela copia immensa de informações de grande utilidade pratica, como pela abundancia de dados historicos, litterarios e scientificos, e bem assim de preciosas vistas de lugares pittorescos da Italia, e retratos de vultos proeminentes na politica, nas artes, nas sciencias e nas lettras italianas; e mesmo de outros paizes.

Gratos pela gentileza da offerta; recomendamos aos apreciadores dos repositórios de informações uteis.

«JORNAL DE MINAS»

Recebemos a visita d'este semanario, que sob a direcção do senhor Ramiro Garcia, enceton a sua publicação em Pouso-Alegre.

Gratos.

«O TRABALHO»

Temos sob a nossa modesta mesa, o primeiro numero d'este semanario, que enceton a sua publicação em Nova Louzã, municipio de Espirito Santo do Pinhal, sob a direcção do professor municipal Cidadão Octaviano Costa.

Auguramos a *O Trabalho* prospero porvir.

«O PIRANGA»

Visitou-nos o n.º 51 d'este semanario, que se publica em Ponte Nova (Minas), sob a redacção do senhor Antonio Porto.

Gratos pela visita.

SALTO

Do correspondente:

Na madrugada de segunda feira ultima entregou a sua alma ao Creador, n'esta villa, a Exma. Sra. D. Anna Faria da Silva, exemplar esposa do nosso amigo o Sr. Antonio Fernandes da Silva, digno 1.º Juiz de Paz.

A consternação foi geral porquanto ella reunia em si todas as prendas de uma mãe carinhosa e uma senhora de coração bem formado.

Ao seu enterro, que deu-se ao meio dia, compareceram os vereadores da Camara Municipal, Juizes de Paz, aucto-ridades policiaes, professores publicos e particulares, commerciantes, artistas, operarios e grande massa popular.

Estiveram tambem presentes as duas bandas musicas locais, a Saltense e a Italiana, e pessoas de Ytu.

Sobre o caixão estavam tres corôas: uma de seu esposo e filhos; outra do seu irmão o sr. Domingos Fernandes da Silva e outra de seus cunhados.

O corpo foi encommendado na Matriz pelo nosso vigario e o sepultamento deu

se no cemiterio antigo conforme pedido da fallecida.

Alli fallou o Sr. Almeida Albuquerque. Ao seu desolado esposo e parentes os nossos sinceros pasames.

—A Camara Municipal contractou com o Sr. Giuseppe Guerrieri os concertos das ruas 7 de Setembro, da Matriz e do Dr. Barros, e tambem a construcção de um boeiro do Largo da Matriz ao rio Tieté.

Casas à venda

Vende-se n'esta Cidade, duas hças casas, sendo uma na rua do Carmo n.º 15, e outra no Largo do Carmo n.º 125, (esquina.)

Para tractar no Largo do Carmo n.º 125 com Antonio Leite.

AULAS

Os Professores Chrispim Oliveira, Carlos Gallet e André Alckmin, diplomados pela Escola Normal de S. Paulo, fazem publico que resolveram abrir no dia 1.º de Março um curso de ensino particular, no horario seguinte:

GEOGRAPHIA, 2 ^{as.} e 5 ^{as.} feiras, das 6 ás 7 horas da manhã	Prof. C. Oliveira.
FRANCEZ theorico e pratico, 2 ^{as.} e 5 ^{as.} feiras, das 7 ás 8 horas da manhã	Prof. Carlos Gallet.
PORTUGUEZ, 2 ^{as.} e 5 ^{as.} feiras, das 8 ás 9 horas da manhã	Prof. A. Alckmin.
HISTORIA DO BRAZIL, 3 ^{as.} e 6 ^{as.} feiras, das 6 as 7 horas da manhã	Prof. C. Oliveira.
ARITHMETICA e ALGEBRA, 3 ^{as.} e 6 ^{as.} feiras, das 7 ás 8 horas da manhã	Prof. A. Alckmin.
GEOMETRIA e TRIGONOMETRIA, 3 ^{as.} e 6 ^{as.} feiras, das 8 ás 9 horas da manhã	Prof. Carlos Gallet.
PHYSICA e CHIMICA, 4 ^{as.} feiras e sabbados, das 6 ás 7 horas da manhã	Prof. C. Oliveira.
HISTORIA UNIVERSAL, 4 ^{as.} feiras e sabbados, das 7 ás 8 horas da manhã	Prof. Carlos Gallet.
HISTORIA NATURAL, 4 ^{as.} feiras e sabbados, das 8 as 9 horas da manhã	Prof. A. Alckmin.

A contribuição de cada alumno será feita na occasião da matricula, sendo de 60\$000 reis —mensaes as aulas, de accordo com o horario, com os tres professores, de 50\$000 com dois e 30\$000 com um professor.

Ytu, 19 de Fevereiro de 1901.

Rua Direita, n. 12

Chrispim Oliveira
Carlos Gallet
André Alckmin

—Trago-lhe uma boa noticia.
—Bem. Com que então ella fallou-lhe de mim?
—Hontem á noite, ou antes, hoje de manhã, quando o senhor partiu com o seu amigo. A proposito, como vae o seu amigo... Gastão R... creio que se chama assim.
—Exactamente, disse eu, sem poder deixar de me sorrir, ao lembrar-me da confidencia que Gastão me tinha feito, e vendo que Prudencia sabia apenas o seu nome.
—E' um bonito rapaz, gosto muito d'elle; que é que elle faz?
—Tem quatro contos de renda.
—Sim? muito estimo. Pois, para voltarmos ao que mais lhe importa, Margarida fallou-me de si, e fez-me varias perguntas a seu respeito. Perguntou-me quem era, em que se occupava, quem tinham sido as suas amantes, enfim tudo o que se pôde perguntar a respeito d'um rapaz da sua idade. Eu disse-lhe tudo o que sabia, acrescentando que era muito sua amiga, ahí está.
—Muito obrigada; agora diga-me, que lhe queria Margarida a noite passada?
—Nada, não me queria nada; chamou-me para ter pretexto de despedir o conde, segundo ella dizia; mas hoje encarregou-me d'um negocio mais importante, e venho trazer-lhe a resposta.
N'este momento, Margarida saiu do quarto do loucador, deliciosamente penteada, no artistico abandono dos formosos cabellos ondantes, que lhe davam ao rosto a tinta crepuscular das pallidas virgens monasticas.
E-tava d'uma formosura ideal.
Trazia os pés nus em chinellas de setim, e acabava de polir o roseo esmalte das unhas infantilmente delicadas, como as ultimas petalas d'um botão de musgo.
—Então, disse ella vendo Prudencia, fallou com o duque?
—Fallou.
—E depois?
—Deu-me.
—Quão o?
—Duzentas libras.
—Tem n'as ahí?
—Tenho.
—Zangou-se?
—Não.
—Pobre homem.
Este pobre homem foi dito n'um tom, que não é possivel repro- duzir. Margarida pegu no dinheiro.

—Boa noite.
—Ah! é o senhor? acidiu ella, n'um tom pouco definido sobre o prazer, que lhe dava a minha presença.
Não me permittiu que viesse hoje fazer-lhe uma visita?
—E' verdade; tinha-me esquecido.
Esta palavra destruiu todas as minhas alegrias e todas as minhas esperanças.
Todavia começava a habituar-me instinctivamente, fatalmente, ás suas velleidades e caprichos, e não me retirei, o que faria com toda a certeza em outro tempo, antes de a conhecer pessoalmente, como a conhecia agora.
Entrámos.
Nanine esperava á porta da sala.
—Prudencia já entrou? perguntou Margarida.
—Ainda não, minha senhora,
—Vae dizer que apera: chegue que venha logo cá, immediatamente. Apaga a luz da sala, e se vier alguém, responde que ainda não voltei, e que não volto esta noite, percebez?
Via-se que estava muito preocupado com algumas cousa, e talvez irritada com a presença d'um importuno.
Não sabia que figura havia de fazer, nem tão pouco o que lhe devia dizer, n'aquella conjunctura delicada e difficil.
Margarida dirigiu-se para o seu quarto de dormir. Eu fiquei onde estava.
—Venha, disse-me ella.
Tirou o chapéu, o manto de velludo, e atirou-os para cima do leito. Depois deixou-se cair n'um grande fauteuil, proximo do fogão, que ella mandava sempre accender até ao principio, e disse-me brincando com o trancelim do relógio:
—Então, que ha de novo?
—Nada, a não ser que fiz mal em vir esta noite a casa de v. ex.
—Porquê?
—Porque me parece contrariada, e cuido que a incommoda a minha presença.
—Não, não me incomoda nada. E' que me sinto doente; soffri todo o dia; não pude dormir: tenho uma dor de cabeça horrivel.
—Quer que me retire, para se deitar?
—Não é preciso. Pôde ficar, se quizer. Eu deito-me-me mo di- ante de si, quando tiver vontade dormir.
N'este momento bateram á porta.
—Quem será ainda? disse ella, com um movimento de impacien- cia,

MARMORARIA**Aviso Importante**

O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico d'esta cidade que no dia 1º de Dezembro abriu de novo a rua do Commercio n. 10 a acreditada—Marmoraria Ytuana— encarregando-se de qualquer obra de marmore, lavagem de tumulos, pedras e todo o serviço concernente a esta arte.

Preços nunca visto, porque as importações são directas da Italia.

Encarrega-se tambem de fazer qualquer obra da acreditada pedra Granito que se acha na Villa do Salto, como sejam tumulos cruces e qualquer obra para construcção.

Espera o abaixo assignado merecer a confiança do respeitavel Povo Ytuano, para o que não poupará esforços em bem servir-o caprichando nas encommendas que lhe forem feitas.

O MARMORISTA

P. BONETTI

EX-SOCIO DE L. MUTTI.

Pereira Mendes & Comp.

Compram qualquer quantidade de algodão em caroço

Salto de Ytú

AFINAL ???

Reabriu-se o novo armazem de seccos e molhados, louças, ferragens, tintas etc. ao Largo da Matriz N. 3; os quaes serão vendidos pelo novo proprietario, (abaixo assignado) por preços reduzidos.

Espera pois o novo proprietario que o respeitavel publico, honrando-o com a sua presença no novo armazem, aproveite a occasião de sortir-se de generos por preços que são sem competencia, o que provará.

Ytú, 22 de Janeiro de 1904

Largo da Matriz n. 3

José Paula de Cerqueira.

Pharmacia Souza

DE

SOUZA & COMP.

YTU'--RUA DO COMMERCIO, 115

(ANTIGA LOJA DO VEADO)

Completo sortimento de drogas, e productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.

Aviam-se receitas com promptidão e acceio a qualquer hora do dia ou da noite.

O estabelecimento acha-se sob a gerencia do pharmaceutico Irineu Augusto de Souza, que está actualmente residindo a rua do Commercio, n. 92; e onde pôde ser chamado a qualquer hora da noite.

RESTAURANT YTUANO

Com este titulo acabo de abrir um novo estabelecimento a Rua do Commercio N.º 74 aonde o publico encontrará todas as noites superiores empadas feitas a capricho e tambem os Srs. viajantes encontrarão excellentes commodos e por preços razoaves.

Asseitam-se encommendas e tambem fornece-se comidas para fora a preços modicos.

Rua do Commercio N. 74

Antonio Marinho.

Brevemente !

Pouco depois bateram novamente.

—Não ha ninguem que vá abrir; é preciso que eu mesma vá abrir a porta!

Com effeito; levantou-se, dizendo-me:

Espere aqui.

Atravessou a sala do toucador a sala de jantar, a sala de visitas, e abriu a porta d'entrada. Escutei.

A pessoa a quem abrira parou na sala de jantar. A's primeiras palavras conheci a voz do conde do N...

—Como tem passado a noite? disse elle.

—Mal, respondeu seccamente Margarida.

—Incommodo a?

—Talvez.

—Com que ar me recebe, meu Deus! Que mal lhe fiz eu, Margarida?

—Meu amigo, bem sei que não me fez mal nenhum; mas estou doente, quero deitar-me, e por isso ha de ter a bondade de se ir embora. Não ha nada que mais me zangue do que não poder entrar á noite em minha casa, sem que o senhor appareça logo, cinco minutos depois. Que é que me quer? Que seja sua amante? Pois bem; en já lhe disse cem vezes, que não, que o não posso aturar, que me afflige horrivelmente, e portanto dirija-se a outra parte. Repito lh'o hoje pela ultima vez. Não quero nada. Nada de si; está acabado. Adeus. Olhe, ahí vem Nanine; ella vae já allumiar-lhe. Boa noite.

E sem accrescentar uma só palavra, sem ouvir o que bulbuciava o mancebo, Margarida voltou para o seu quarto, fechando violentamente a porta, pela qual Nanine entrou d'ahi a poucos momentos.

—Tu ouves o que t'eu digo? acudiu Margarida, transportada de colera; has de dizer sempre a esse imbecil, que não estou em casa, que não quero recebê-lo. Já estou cansada de aturar essa gente que vem pedir-me sempre a mesma cousa, que me paga, e que se julga quite comigo. Se as mulheres que começam a nossa vida vergonhosa soubessem o que ella é, preferiam mil vezes a morte.

Mas não; a vaidade de ter vestidos, carroagens, diamantes, arrebatados; acreditamos na felicidade da riqueza e do prazer, porque a prostituição tem a sua fé, e gastamos pouco e pouco todo o nosso coração, e todo o nosso corpo, toda a nossa formosura. Depois começam a tratar nos como besta de carga, e a desprezar nos com párias.

Roubam-nos sempre mais do nos dão, até que um bello dia morremos ahí a um canto, como um animal immundo, depois de ter

perdido os outros e de nos termos perdido a nós mesmas.

—Minha senhora, socegue, disse Nanine; está muito agoniada esta noite.

—Este vestido abafa-me, bradou Margarida, arrancando os colchetes; dá-me o penteador. Então, Prudencia?

—Ainda não veio; apenas chegue, já tem lá recado para a mandarem cá.

—Ahi está mais uma, continuou Margarida, tirando o vestido, e passando o penteador branco, ahi está mais uma que sabe muito bem procurar-me quando precisa de mim, e que não é capaz de fazer-me um só favor de graça. Já sabe que a espero esta noite, que preciso d'ella que estou inquieta, e apesar d'isso anda por ahí a correr Paris, sem se importar comigo.

—Talvez a demorassem.

—Sim, Sim; vae preparar o ponche.

—Mas pôde lhe fazer mal, minha senhora, disse Nanine.

—Melhor. Traz tambem fructa, um bocado de frango, um pastel, qualquer cousa, já tenho fome.

Dizer-lhe a impressão que isto me causou é inutil; adivinha de certo.

—Ceia comigo, disse ella; enquanto eu vou ao quarto do toucador, se quizer distrair-se, pegue n'um livro.

Accendeu as velas d'um candelabro, abriu uma porta junto do seu leito, e desapareceu.

Comecei a reflectir cada vez mais na vida d'aquella rapariga, e todo o meu amor doia-se de piedade amarga.

Passeava a grandes passos n'esse quarto, vergando ao pezo das minhas reflexões tristes, quando Prudencia entrou.

—Está ahí? disse ella, meio admirada; e Margarida?

—Na sala de toucador.

Vou fallar-lhe. Não sabe? ella gosta muito de si.

—Talvez.

—Ainda lh'o não disse?

—Não.

—Mas então porque está aqui?

—Vim fazer-lhe uma visita.

—A' meia noite?

—Que tem isso?

—Maganão!

—Até me recebeu mal.

—Ha de recebê-lo melhor.

—Acha?